

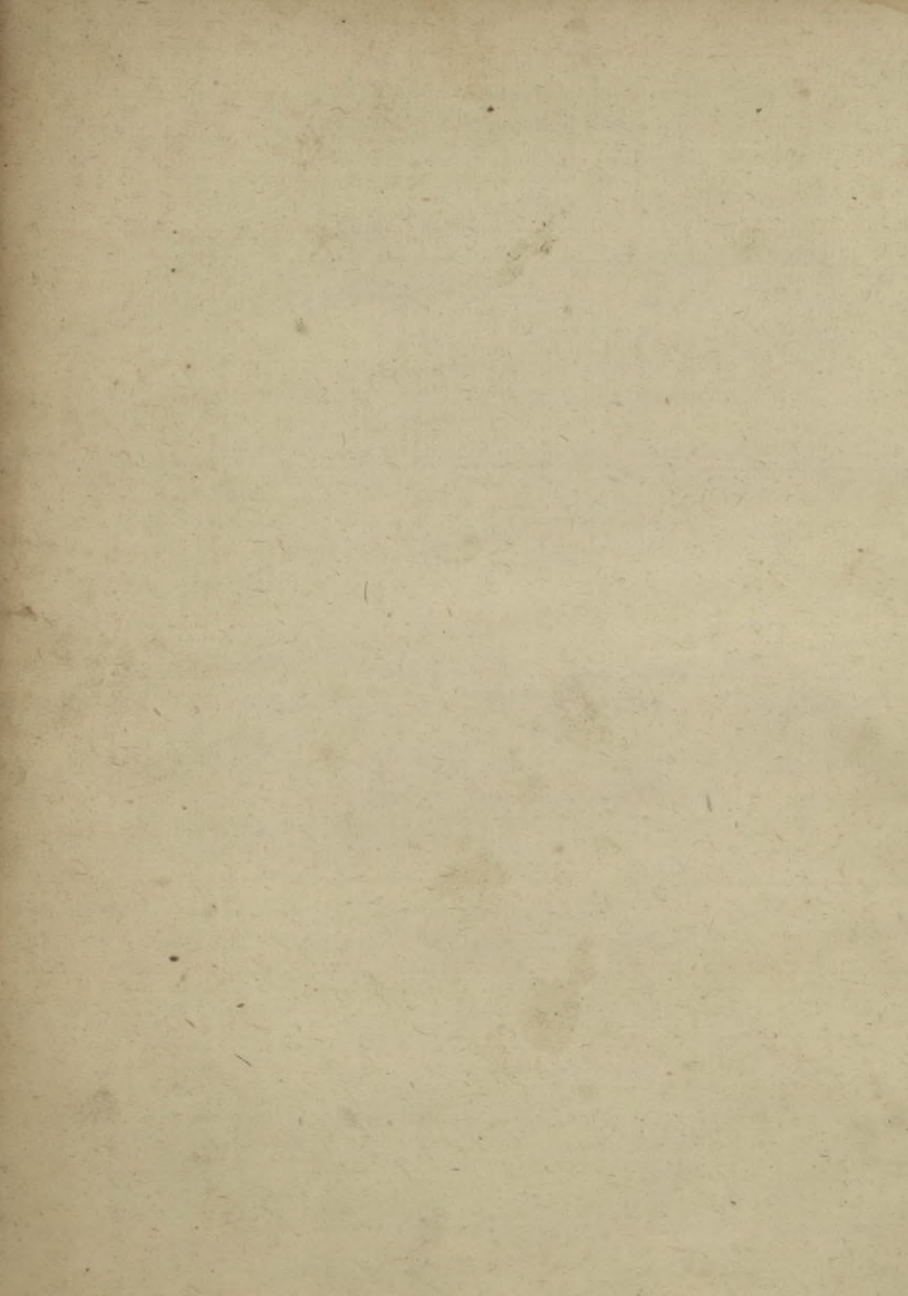


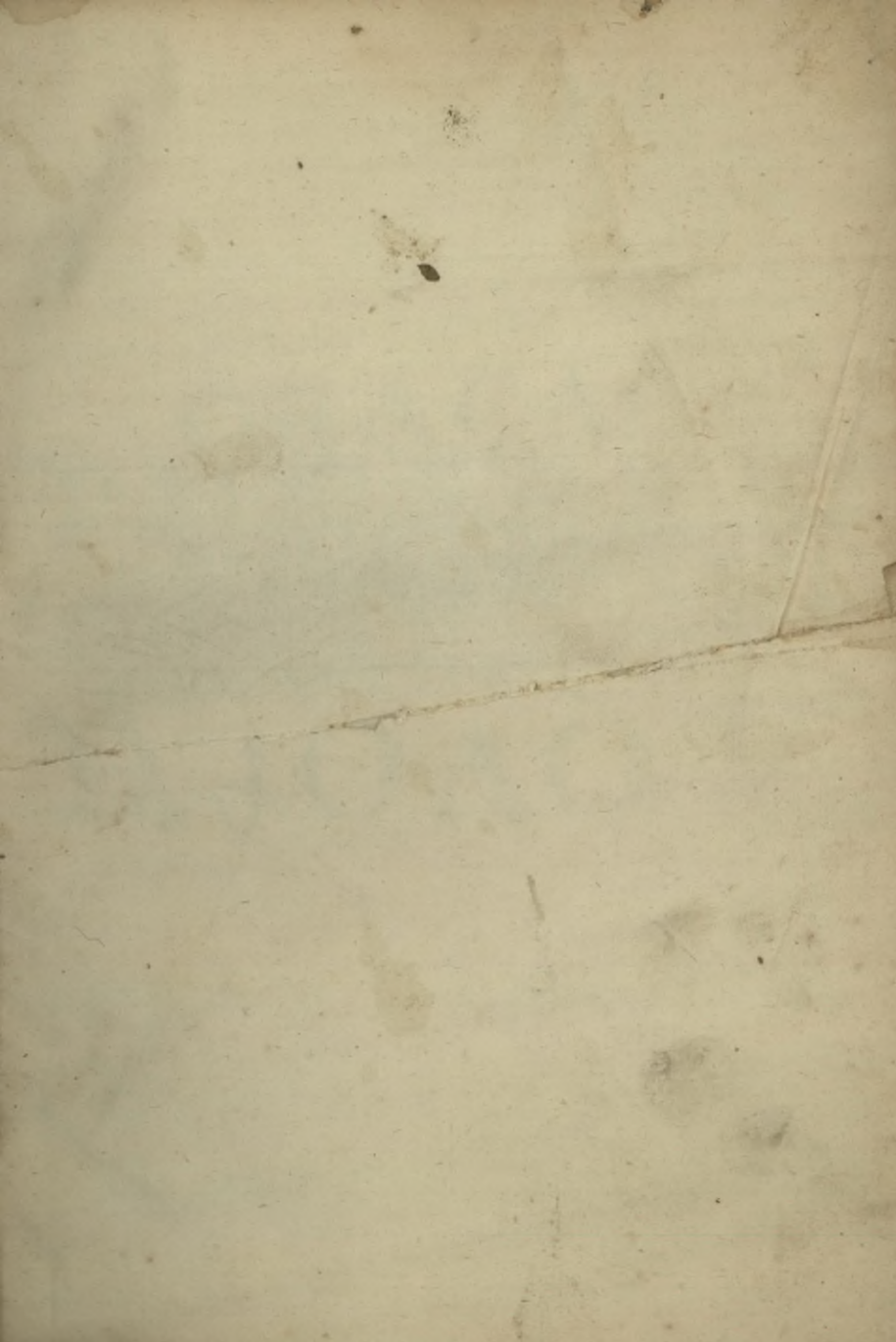


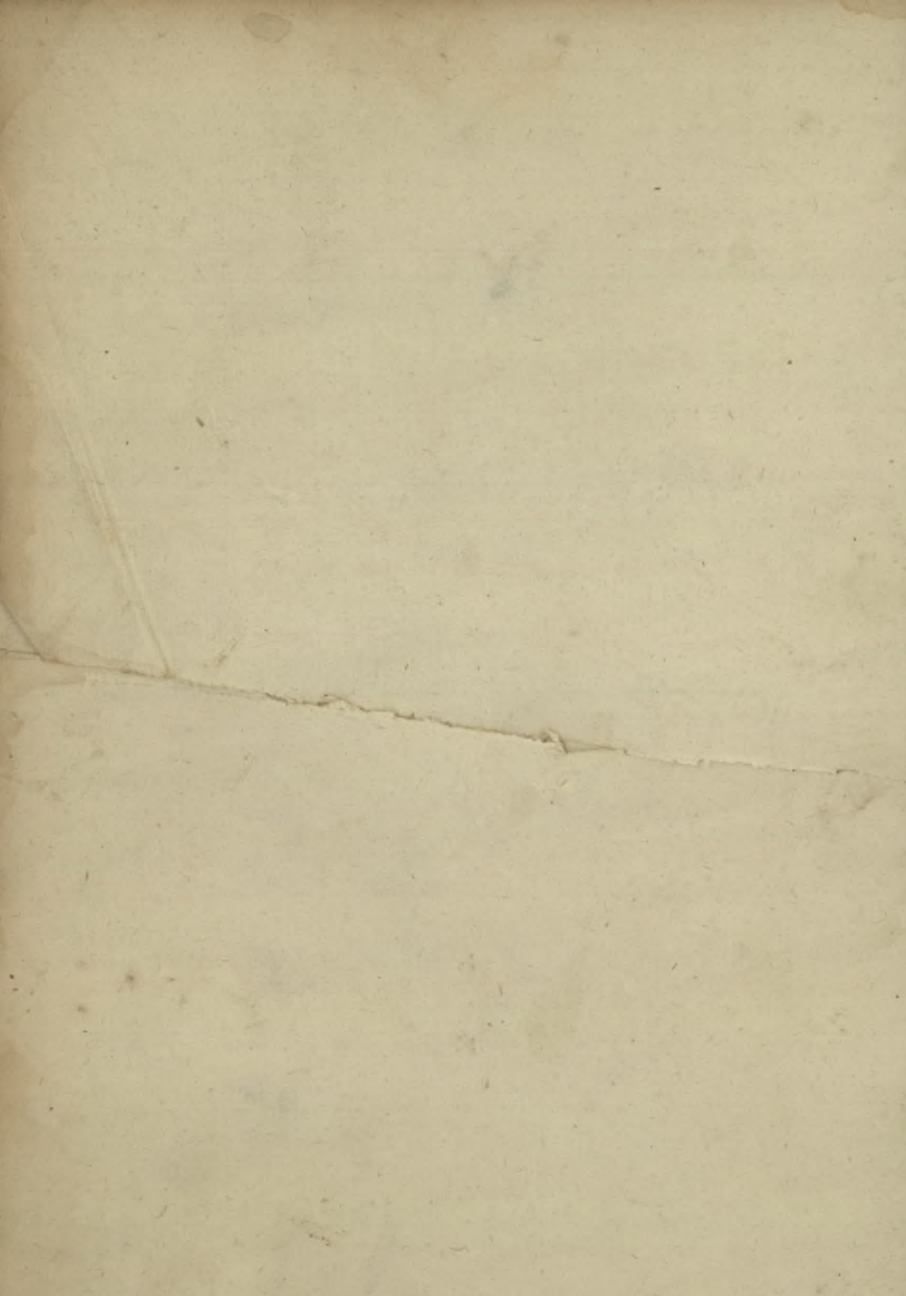
FA 137.605 (1-13)  
224694071 (1)











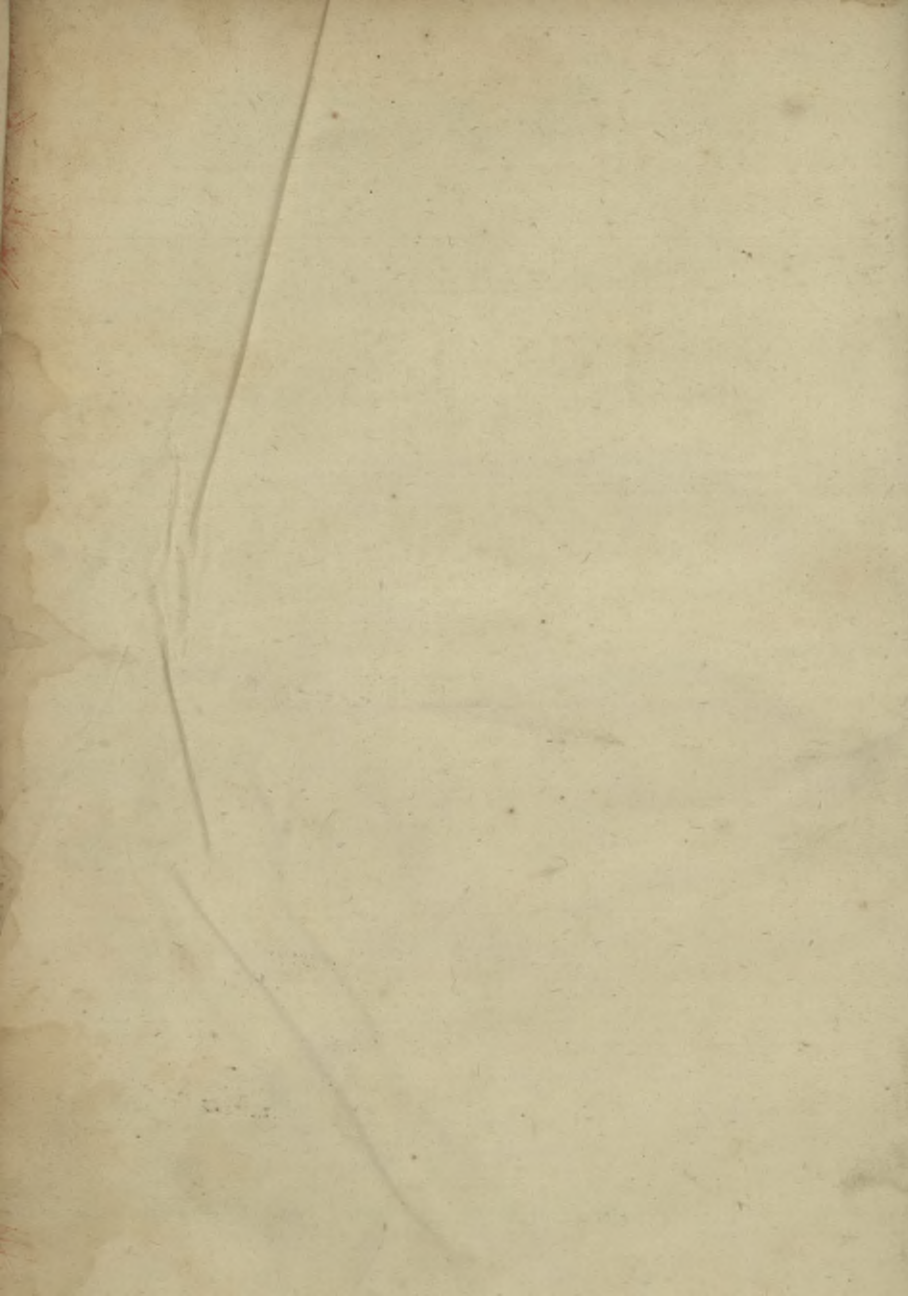
ORACAO  
FUNEBRE.

NAS EXAS

DE JORJUAL

D. JOAO







(4)  
ELOGIO  
FUNEBRE,

RECITADO  
NAS EXEQUIAS SOLEMNES  
DO SERENISSIMO SENHOR

D. ANTONIO,  
INFANTE DE PORTUGAL.

Celebradas no dia 28. de Novembro do anno 1757. na Igreja do Hospicio de  
S. Francisco de Campolide

PELO M. R. P. M.

FR. FRANCISCO XAVIER  
DE SANTA TERESA,

Menor Observante da Provincia de Portugal, e Socio do  
numero da Academia Real, &c. &c.

E OFFERECIDO

A O. N. M. R. P.

FR. ANTONIO  
DAS CHAGAS,

Guardião do Convento de S. Pedro de Alcantara, e Preside nte do Capi-  
tulo, que se fez por Nomina de Sua Santidade no Convento de S.  
Francisco da Cidade em 8. de Junho do mesmo anno.



LISBOA.

Na Officina de MANOEL COELHO AMADO.

Anno de M. DCC. LVIII.

Com todas as licenças necessarias.

que sey a amizade, e attençaõ, que lhe devo, e me lem-  
bro das eloquentes, e affectuosas expressoens, com que  
V. P. M. R. me honrou, depois de o ouvir recitar. Es-  
tas bem fundadas reflexoens me animaraõ, e me fize-  
raõ determinar ao fim, que me propuz, que naõ he ou-  
tro, senaõ pertender que V. P. M. R. pela pessoa, que  
he, pelas virtudes que tem, e pelas incomparaveis qua-  
lidades, de que se adorna o seu sublime, e elevado espi-  
rito, o patrocine com aquella efficacia, que costuma, e  
que o faz amar, e respeitar universalmente, para que  
se naõ atreva a critica severa daquelles espiritos, cha-  
mados vulgarmente Fortes, neste seculo, a fazer juizos  
impertinentes contra hum Discurso trabalhado em hu-  
ma idade avançada, e destituída de forças para seme-  
lhantes composicoens. E estou certo, que se V. P. M. R.  
se dignar de o proteger, ninguem haverá, que se atreva  
a criticallo, em attençaõ a taõ digno, e authorizado  
Protectõr: e nesta certeza bem posso esperar, que todas  
as censuras dos temerarios, se convertaõ em louvores,  
e elogios de hum Elogio consagrado ao seu respeitavel  
nome, e ao seu distincto merecimento. Conserve Deos a  
V. P. M. R. com aquella saude, que merece, e eu lhe de-  
sejo. Hospicio de S. Francisco de Campolide em 9. de  
Dezembro de 1757.

De V. P. M. R.

Amigo, e subdito fiel

Fr. Francisco Xavier de Santa Teresa.





*In fine hominis denudatio operum illius.*

A morte do homem nos descobre a verdade das acçoens da sua vida.

He do Ecclesiastico no cap. II. vers. 29.



Quando o homem tem a morte diante dos olhos, e quando já está quasi tocando com os pés na terra da sepultura, então he que se conhece o que he o homem, e a differença que faz o homem moribundo, do homem vivo; e quando se acha totalmente incapaz de dissimulação, e de violencia, á vista de tão funesto espectáculo, qual he o da morte, então he que todas as obras, e acçoens do homem se manifestaõ aos olhos do mundo, sem engano, e sem artificio; e tudo quanto antes o mesmo mundo falso, e cego admirava nelle como nobre effeito de virtudes heroicas, naquella tremenda hora não he mais que huma publica detestação, e huma manifesta renuncia de paixoens indignas do homem Christão.

Naõ ha cousa mais equivocada, nem mais dissimulada, que o homem vivo. Tudo quanto se louva nelle com nome de virtude antes da morte, não he outra cou-  
sa

fa que huma artificiosa politica, sempre vigilante, na conservação das apparencias. A sabedoria não he mais que huma industria da vaidade; o valor huma transporção da vingança; a liberalidade hum interesse occulto do amor proprio.

Porém quando a morte está proxima, e imminente, quando o homem tem a morte á vista, medonha, e feyamente armada da sua formidavel fouce, ameaçando-o com poucas horas de vida, todas aquellas falsas, e enganofas virtudes defapparecem logo, e aquelle mesmo, que na vida havia cheyo, e admirado o mundo com o ruido, e estrondo das suas acçoens, não he outra coufa na morte mais do que hum melancolico, e funesto espectáculo de miseria, e de fragilidade. Isto he o que nos diz o Author do Ecclesiastico nas palavras do meu Texto: *In fine hominis denudatio operum illius.* Diznos este sabio, e illustrado Author, que a morte he a melhor, e a mais sensivel prova para discernir o verdadeiro do falso, e a realidade da apparencia, e que os louvores, que se dão aos homens vivos, todos são incertos, e duvidosos, todos falsos, e lisongeiros, e que para serem sinceros, e justos he necessario esperallos ás portas da morte; e isto que diz a sagrada Escritura, disse tambem hum Ethnico, erudito professor da Religião natural:

*Dicique beatus*

*Ante obitum nemo, supremaque funera debet.*

Porém hoje não temos necessidade desta funesta prova para conhecer a sinceridade das virtudes do grande Príncipe, que choramos morto. Virtudes sempre as mesmas, sempre inalteraveis; virtudes, que no periodo de sessenta e tres annos, e na diversidade de tantos successos, nunca enfraquecerão, nem se entibiarão; vir-  
tudes



tudes, em fim, mais que sufficientes para animar, e entreter a nossa admiração, dignas, e benemeritas de eternos elogios.

Morreo o Serenissimo Infante D. Antonio; mas não morreo, porque quem morre com tão edificantes, e catholicas demonstraçoens, não se póde dizer que morre, mudou de vida. Perdeo Portugal neste amabilissimo Infante hum Principe, por todos os principios summamente estimavel; hum Principe, que pelas suas Regias qualidades lhe fazia tanta honra, quanta fizeraõ os Titos, e Theodozios, ou Augustos, e Constantinos ao Imperio Romano nos seculos de ouro.

A' vista, pois, de tão sensivel perda, qual experimentamos hoje na falta de hum Infante, que era sua probidade, e benevolencia, as delicias da sua Nação, não farey outra cousa, que servirvos de interprete, e prestar a minha voz aos sentimentos dos vossos magoados, e saudosos coraçõens: e deixando á Historia o cuidado, e diligencia de transmittir aos seculos futuros todas as suas illustres, e heroicas acçoens, nesta hora só devo, como Orador Ecclesiastico, admirallas comvosco, na pureza, e innocencia do seu altissimo principio.

O Serenissimo Principe, em honra de quem offecemos hoje ao Primogenito dos mortos, o sacrificio do Altar, (ceremonia já de muitos tempos permittida pelo costume, e authorizada pela Igreja) era, por todos os direitos do seu nascimento, verdadeiramente Principe do Real sangue de Portugal, neto de Reys, filho de Rey, irmão de Rey, tio de Rey, e Principe verdadeiramente Christão, pela graça do seu nascimento espirital, e nunca se esquecco das obrigaçoens, que comigo trazem estas sublimes qualidades, nem do que era,  
por

por estes dous venturosos nascimentos : e senão consideray-o vivo na Corte , no Paço , no Templo , e ainda nos seus proprios licitos divertimentos , e em toda a parte achareis hum Principe perfeito , e hum perfeito Christão. Estas duas excellencias farão hoje o glorioso argumento do Elogio funebre , que consagra a minha religiosa Communidade á memoria eternamente respeitavel do Altissimo , e Serenissimo Principe , e Senhor D. Antonio Francisco Xavier Bento Leopoldo Theodozio , Henrique , Infante de Portugal.

## PRIMEIRA PARTE.

**N**ÃO se póde chamar Principe perfeito aquelle a quem só a felicidade do nascimento fez distincto do cômum dos outros homens, e que não tendo de Principe mais que o nome , destituído de todas , ou quasi todas aquellas qualidades , que fazem mais brilhante , e mais veneravel a soberania , não offerece aos olhos do Univerſo senão huma formidavel figura , revestida de hum soberbo , e terribilissimo semblante.

Só se deve chamar Principe aquelle , que sendo imagem de Deos na terra , pela participaçãõ do seu poder , ainda lhe he mais semelhante pela participaçãõ das suas virtudes ; aquelle , que dominante das suas voluptuosas paixoens , não abusa das graças , que continuamente recebe da munifica mãõ de quem o fez Principe ; aquelle , que sendo superior a todos os individuos da natureza humana pela alteza da sua dignidade , he superior á sua mesma dignidade pela eminencia , e superioridade dos seus talentos , e perfeiçoens.



Tal foy na vida o Principe, que faz hoje o assumpto deste funebre Elogio. Nesta só idéa se incluem, e se fundão todos os seus louvores. Admirem outros no Infante o esplendor, e antiguidade da sua soberania: numeremlhe os Imperadores, os Reys, e os Heroes de quem era legitimo descendente: fallem da grandeza, e magestosa presença, com que a natureza adornou a sua Real pessoa: digaõ tudo isto, embora, outros Panegyristas: fação Cathalogos sem numero das raras, e singulares prerogativas, que foraõ puros dons da liberalidade divina, nos quaes nenhuma parte teve o voluntario; e ainda que estes sejaõ dignos da admiração universal, com tudo nem sempre merecem as acclamaçoens, e celebridade da fama.

O que faz todo o merecimento, e toda a gloria do Principe, que lamentamos defunto, foy a prudencia, com que se fez distinguir na vida, mais pelas luzes das suas brilhantes virtudes, que pelo esplendor da sua grandeza hereditaria: foy o acerto, com que justificou aos olhos do mundo todos os beneficios, e graças da Providencia: e foy a sabedoria, com que gloriosamente satisfez todas as obrigaçoens de Principe, e de Principe, que senão foy Rey, era capaz de o ser; Principe certamente digno de hum poderoso, e dilatado Imperio.

O Serenissimo Infante D. Antonio era hum Principe, que parecia mayor pela grandeza do seu genio, e da sua virtude. que pela da sua pessoa, e do seu nascimento: hum Principe adornado de hum engenho penetrante, de hum espirito elevado, de huma comprehensão sublime, e de huma eloquencia natural, acompanhada de hum caracter de authoridade, e de prudencia, que o fazia ser ouvido com o mesmo respeito, e attenção, com que são ouvidos os Oraculos nas Cortes dos

grandes Monarcas : hum Principe, que não sabia fazer, nem ainda imaginar , acção, que não fosse louvavel , e gloriosa : hum Principe dotado de hum ar de soberania, e de circunspecção compativel com o agrado , e com a benevolencia : hum Principe a quem a mesma natureza ensinou a arte de reynar nos coraçoes de todos aquelles a quem fallava , e a de obedecer fielmente a todos os seus Soberanos , a quem servia, e acompanhava sempre com amor , fidelidade , e respeito , em todas as occasioens, que se lhe offerenciaõ , ou fossem de gofsto, ou fossem de pena : hum Principe a quem todo o incenso da Corte parecia menos puro , e menos sincero, que o de qualquer particular desinteressado , pelo odio que tinha á adulação : hum Principe, em fim , irmaõ do mayor Monarca do seu seculo , e tio do Augustissimo , e Fidelissimo Reynante, que pacifica , e ditosamente nos governa , com justiça , abundancia , e paz ; em cuja grande alma ajuntou a Providencia as mais soberanas, e excellentes perfeiçoens , superiores todas ás nossas idéas : e a fortuna só de taõ alto , e taõ inclyto parentesco poderia bástar para fazer glorioso o Elogio. venerado o nome , e triunfante a memoria do Serenissimo Infante D. Antonio.

E que direy dos frequentes exercicios literarios em que se occupava , e se entretinha Sua Alteza , no segredo , e silencio da sua vida privada ? Nada direy , que não seja notorio , e manifesto a todos , e principalmente aos que tinhaõ a honra de lhe assistir de mais perto , e que o viaõ muitas vezes profundamente applicado , e entretido na lição dos sagrados livros da Biblia , e no estudo das Obras dos Santos Padres , naquellas horas que tinha livres , e elle escolhia , e destinava para viver só para si.



Naõ he explicavel o gofto, que fazia Sua Alteza de ter huma Bibliotheca de innumeraveis livros, todos escolhidos, e dos melhores Authores, e das mais correctas edicçoens. Por todos lia, e de quasi todos tinha vastiffima lição. Fallava, e disputava em Theologia Moral, e Filosofia moderna, com tal agudeza, e noticia, que mais parecia professor, que curioso. Como tinha grande intelligencia das linguas scientificas, em todas as Artes, e sciencias discorria com methodo. com clareza, e com propriedade; e bem podemos dizer, que naõ só foy hum Principe sabio, e erudito, mas hum beneyolo Protector de todos os eruditos, e de todos os sabios.

Nas Artes liberaes, em que os mais dos dias se exercitava, por genio, e divertimento, como era a musica, e o manejo, teve poucos que o igualaraõ, nenhum que o excedesse; e pela sciencia destas Artes se fez considerado, e conhecido nas Cortes mais polidas da Europa, em Roma, Pariz, Londres, Madrid, e Vienna. A Geometria, a Cosmografia, a Geografia, a Rhetorica, e a Historia, assim Ecclesiastica, como secular, faziaõ huma grande parte dos seus frequentes escolhidos estudos: em fim, as bellas Artes, e sciencias eraõ para elle as joyas de mayor preço, e estimação; e o tempo que gastava neste genial exercicio, recolhido no seu Gabinete, reputava Sua Alteza como unica occupaçaõ, que lhe naõ tomava o tempo, antes lhe fazia o tempo mais precioso, porque eraõ todas as delicias da sua natural inclinação.

A regra da sua condueta foy sempre a sua boa razão, nem queria outro director, nem outro conselheiro, que os seus prudentes dictames, os quaes despídos de humores parciaes, e de paixoes interessadas, sempre

o inclinavaõ ao que era justo, e conforme aos Canones do Euangelho; e conhecendo a fragilidade humana, tolerava no seu proximo os defeitos, que talvez em si lhe custaria muito soffrer, e perdoar.

Quando se entregava ás doçuras de huma virtuosa sociedade, consequentemente aborrecia, e desprezava todas aquellas, que não tem outro merecimento que huma engenhosa murmuraçãõ. Na escolha dos amigos, com quem havia de tratar, fazia dos graos da sua virtude a medida da sua amizade; e na dos criados, que o haviaõ de servir, procurava sempre nobreza, verdade, e honra. Tratava a todos os seus domesticos com tal estimaçãõ, e amor, que mais parecia Pay, do que Amo, interessandose nas suas vantagens, e conveniências, como se fossem proprias: contrario, e inimigo publico da mentira, só da integridade do seu coraçãõ se fiava, e nella só fundava o principio de todas as suas Reaes acçoens.

Que humanidade; que doçura; que acolhimento; que modo; que benevolencia; que attençaõ não achavaõ em Sua Alteza todos os homens illustres, que elle estimava dignos da sua graça? Querendo que todos achassem nelle aquillo mesmo, que elle achava em todos.

Naquelles doces momentos, em que se entretinha com os Gentis-Homens da sua Camera, e com outros familiares seus, nunca se lembrava de si, nem da sua grandeza, por lhes não dar sujeiçãõ, nem queria, que os seus domesticos naquellas occasioens se lembrassem tambem do que eraõ, para lhe assistirem sem violencia, e sem incommodo, de sorte que nunca ostentou a authoridade de Amo, senãõ pela munificencia das suas graças, e pela grandeza dos seus beneficios.

Naõ imagineis, Senhores, que era sómente brio em



em Sua Alteza o elevar os seus favorecidos a grandes fortunas, e honrar os seus amigos com distinctas estimaçoens; porque os amigos de Sua Alteza, e todos os seus domesticos, sempre deveraõ esta gloriosa qualidade ao seu merecimento: o publico sempre o entendeu assim, e sempre julgou, que a estimação, que se lhes dava, por todos os principios lhes era devida: e se alguma vez a sua felicidade pareceo digna de inveja, as suas virtudes fizeraõ logo conhecer, que todos eraõ dignos das felicidades, que gozavaõ.

A estes illustres, e benemeritos espiritos só pertencia hoje supprir, e emendar os defeitos deste Elogio; porque como só para elles estava sempre franca, e aberta a porta do santuario da sua grande alma, e só elles eraõ os depositarios fieis dos seus mais occultos pensamentos, só a elles tocava o dizernos quaes foraõ as virtudes de Sua Alteza; mas já que elles o não podem revelar, nem dizer, digamolo nós. Digamos que o Serenissimo Infante D. Antonio foy mais Principe pelas qualidades do seu coração, que pela fortuna do seu nascimento, e que não só foy Principe perfeito, senaõ tambem hum perfeito Christaõ, como agora mostrarey nesta segunda parte do seu Elogio.

## SEGUNDA PARTE.

**Q**Uando determino, e me proponho mostrar de baixo da idéa altissima de Principe Christaõ o Serenissimo Infante D. Antonio, não he meu designio limitar o seu Elogio á profissão publica de huma Fé, e de huma Ley, que elle havia recebido de seus Augustis-  
simos

finos Ascendentes , e que foy sempre a Ley , e a Fé de todos os Povos Portuguezes. Naõ faltou já quem diffesse , impiamente , que a Religiaõ nos Principes , quasi sempre he mais huma politica , que virtude ; porém esta opiniaõ , ainda que tenha alguns exemplos na Historia dos seculos infelices , de nenhuma sorte se pôde verificar de hum Principe mais fiel , e mais interessado na observancia da disciplina , e dogmas da Igreja , que no decoro , e estimaçaõ da sua Real pessoa ; de hum Principe , que mais zelava a honra , e gloria de Dcos , que a sua propria ; de hum Principe mais pio , e mais Christaõ no interior da sua alma , que no seu exterior : de sc̃rte que sempre fez da Ley de Jesu Christo a primeira regra , e a principal obrigaçaõ da sua vida ; e taõ contrario foy sempre de confundir a verdadeira doutrina com as maximas da politica do mundo , que nunca reconheceo por politica sincera , senaõ aquella , que se funda nos preceitos , e conselhos do Euangelho.

Punha mais cuidado , e atençaõ em ser pio , que em parecello. Seguia sem affectaçaõ , e sem violencia tudo quanto lhe inspirava a sua invariavel Fé ; e se tantas acçoens illustres , e catholicas , que assinalaraõ o seu zelo , e o amor , que tinha á verdade , o fizeraõ digno dos louvores , e reconhecimento da Igreja , porque naõ diremos nós tambem , sem receyo , e sem escrupulo , que Sua Alteza ainda foy muito mais digno de todas estas honrosas demonstraçoens pela pureza , e excellencia dos seus principios , e gloriosos motivos ?

Que exemplo para a Corte , e que documento , e instrucçaõ para todos os outros homens , de qualquer estado , e condiçaõ que sejaõ ! Ver hum Principe taõ grande , naõ só fiel a todos os exercicios , que prescreve , e manda a Ley , senaõ tambem ainda a todos aquelles ,  
des



dos quaes huma piedade regulada se faz todos os dias huma religiosa obrigação.

Nada deste mundo miseravel o embaraçava, nada o divertia das suas obrigaçoens voluntarias. Nem negocios, nem visitas, nem gostos, nem penas, nem molestias, nem audiencias impediaõ, ou alteravaõ a frequencia, e regulamento das suas devoçoens quotidianas; e se o Príncipe David, para ter a Deos sempre propicio, e naõ para ostentar a sua piedade, dizia: Senhor, sete vezes vos louvo cada dia, Sua Alteza podia dizer o mesmo, que dizia David, reverente, e humilhado na presença da Magestade Divina; e sem fallar nas suas preces, e oraçoens particulares, e occultas, das quaes só Deos era testemunha, ninguem haverá, que naõ possa attestar as que elle fazia em publico, edificando a todos com a sua modestia, e exactidaõ. Quantas vezes foy visto por pessoas de merecimento, e de fé publica proftrado no Templo, aos pés do Throno do Cordeiro immaculado, adorar o Deos de seus Pays, em espirito, e verdade, implorando para si, e para o Reyno de seus Avós as suas poderosas, e adoraveis bençoens, reconhecendo, e confessando na face do Ceo, e da terra, que só ao Rey dos seculos pertence todo o poder, porque só elle he verdadeiramente Grande?

A piedade do Serenissimo Infante D. Antonio, naõ se limitava, nem se reduzia só ás obrigaçoens importantes, e commuas a todos os Christãos. Adorar a Deos, temer a Deos, amar a Deos, servir a Deos, e pôr nelle todas as suas esperanças, e toda a sua confiança, evitar o mal, que elle prohibe, fazer o bem, que elle manda, ajuntar ao culto exterior, que a Ley prescreve, o sacrificio interior de hum coração puro, e humilhado, he obrigação de todo o homem, que professa o Christianismo,

nismo ; porém sustentar o verdadeiro culto de Deos, pelo ardor exemplar do seu zelo, proteger o justo, favorecer o pobre, consolar o afflicto, assistir ao enfermo, aborrecer o impio, em fim fazer reynar a Jesu Christo, e a sua Religião pelo exemplo, pelo conselho, e pela liberalidade, esta he a obrigação principal, e muito particular de hum Principe, para merecer o nome, o louvor, a fama, e o titulo de Principe perfeito, e perfeitamente Christão.

Ainda que a piedade tenha suas regras, e principios, e que, segundo o Apostolo das Naçoens, o culto, que se rende ao todo Poderoso, deve ser sempre racional, e prudente; com tudo não se póde negar, que ha entre os homens algumas devoçoens pouco prudentes, e indiscretas; porque huns com apparencia de virtude, encobrendo os desejos, e inclinaçoens do seculo, dão as obras exteriores á Religião, e reservaõ todos os affectos da alma para o mundo. Outros vivendo segundo o seu espirito, ou dão em huma excessiva severidade, ou em huma indulgencia escandalosa; e fazendo-se directores de si mesmos, servem a Deos como querem, e não como Deos quer, e deve ser servido. Outros (e estes são os mais) deixaõ, e omittem as suas obrigaçoens essenciaes por novidades supersticiosas, preferindo aos preceitos divinos invençoens, e methodos humanos.

Destes defeitos preservou Deos a Sua Alteza, como temos visto, na religiosa conducta da sua vida. Vimos huma devoção sólida, e segundo as regras do Evangelho, buscando os conhecimentos necessarios, e apartandose sempre de huma vã, e perigosa curiosidade, dando á edificação do proximo o que devia ao exemplo, e dando á sua propria santificação o que devia á sua consciencia; superior ao costume, quando via que

era



era contrario á Ley, não achando cousa alguma na Religião, que lhe difficultasse a saúde eterna. Humilde sem baixeza, sincero sem superficialidade, exacto sem escrupulo, soberano sem desvanecimento, em fim, animado do espirito de Deos, viveo sempre fortalecido das suas verdades, e regulado pelos seus preceitos.

E como todos estes preceitos se reduzem a amar a Deos, e ao proximo, e a estes dous pontos se dirige toda a Ley, e toda a disciplina dos Profetas, e dos Apostolos, e como tambem todas as boas obras, na sentença de S. Agostinho, são obra da caridade, porque della nascem os pensamentos puros, os desejos santos, as acçoens meritorias, e todas as virtudes moraes, ou são filhas da caridade, ou são frutos della, vejamos brevemente qual foy por este principio o espirito, e piedade do Serenissimo Infante D. Antonio.

Aqui, Senhores, se me offerece agora huma nova materia ao meu discurso, e certamente necessito, que o espirito de Deos, no pouco tempo que me falta para concluir este Elogio, eleve o meu entendimento, e fortifique a minha voz para leuvar as misericordias, que como Divino Consolador, foy servido inspirar a Sua Alteza, em beneficio, e utilidade daquelles, que não tem outros bens, nem outro patrimonio, que o da esmola.

Duas cousas, ordinariamente, endurecem os coraçoes dos ricos, e poderosos do seculo, para não socorrerem os pobres; a alteza da condição, e a delicadeza da pessoa. Como são grandes, custalhes muito a descer da sua grandeza a ministerios, e exercicios humildes, porque ainda que sejam honestos, e louvaveis, parecелhes que não são decentes, nem decorosos ás suas Personagens; e como pela mayor parte não padecem, nem estão sujeitos a misérias humanas, tem menos mi-

fericordia, e menos compaixão daquelles, que as padecem, não obstante dizer Deos na sagrada Escriitura, que humilhem as suas almas na presença do pobre, e que se compadeçam das suas penas, e afflicções.

O caracter de Sua Alteza era muito differente. Nunca a sua dignidade, nem a sua soberania desprezou, ou deixou de ouvir com paciencia, e com demonstração de dor a todo o pobre, que se chegava a elle, a implorar os soccorros da sua magnifica generosidade, para remediar, e sublevar a sua indigencia, e miseria. Tudo quanto representava a Christo pobre, e passivel, era o objecto da sua compaixão, e da sua ternura. A sua religiosa caridade nunca teve limites, porque o seu motivo era o amor de Deos, e a sua medida era o amor do proximo.

Pobres de Jesu Christo, e imagens de Christo pobre, quantas vezes vistes vós mesmos abndar as esmolas, e consolações de Sua Alteza em vossas casas, e familias? Quantas vezes o vistes afflicto, e inquieto, por causa da vossa necessidade? Quantas vezes o vistes mais cuidadoso em encobrir as suas caridades, do que vós em esconder, e occultar a vossa pobreza?

Mosteiros, e Conventos Religiosos, que não tendes outras heranças, nem outras posses que a Cruz de Jesu Christo; quantas vezes vos mostrou Sua Alteza, que só neste Senhor devieis pôr a vossa confiança, e que nada falta a quem ama, e teme a Deos? Que direy das Cômunidades, que subsistiaõ pelas suas pençoens, pelos seus beneficios, e pelas suas copiosas esmolas? Diga-o, melhor do q'eu o posso dizer, o Religiosissimo Convento da Madre de Deos, daquellas illustres, e innocentes Virgens, que tanto pelo seu nascimento, quanto pelas suas grandes virtudes, se fazem attender, e respeitar  
em



em todo este Reyno. Digaõ-no varias Communidades, e Conventos da santa, e exemplarissima Provincia de S. Maria da Arrabida. Diga-o a Casa Professa de S. Roque dos Religiosos da Companhia de Jesus. Diga-o a Communidade dos Religiosos Capuchinhos de Italia. Diga-o o Hospicio de S. Francisco de Paula, o Convento de S. Francisco de Lisboa, o Mosteiro das Religiosas Carmelitas Descalsas dos Cardaes, o Convento de S. Antonio do Campo, o Mosteiro das Religiosas Flamengas de Alcantara, o Mosteiro das Religiosas de nossa Senhora da Esperança, e outros muitos, que, por não abufar da vossa paciencia, não repito. Mas quem poderia referir tudo quanto obrou a sua caridade, e tudo quanto encobrio a sua modestia? Todas estas virtudes Reaes, e Christans foraõ como outras tantas disposiçoens para huma santa, e ditosa morte.

Permittio a Divina Providencia, que o Serenissimo Infante D. Antonio se sujeitasse á ley pronunciada contra todos os viventes; mas serve de grande consolação á nossa dor ver, que a sua morte justificou a sua fama, e que esta lhe assegurará na posteridade a justiça dos nossos louvores, e a verdade dos nossos Epicedios, e fará que a mesma inveja, emula sempre da gloria dos Principes, confesse, publique, e reconheça a pureza do seu principio, e a innocencia da sua origem.

Este grande Principe, que no socego de huma inalteravel paz, adquirida pelas suas heroicas qualidades, e eminentes virtudes, parecia prometterse ainda mais largas, e dilatados dias, foy acometido de huma queixa, que com apparencia de hum profundo sono, lhe annunciou a ultima hora da vida, a qual elle esperou, tendo a morte á vista, sem perturbação, nem fraqueza de espirito; e assim contiado no soccorro, e firmeza das suas

virtudes, e assistido das misericordias grandes do seu Deus, consumou em paz o seu sacrificio, e voou a reunir-se ao seu Creador, com eterna saudade de todos aquelles, que tiveraõ a honra de o tratar, e servir, no dia vinte de Outubro do anno 1757. recebidos todos os Sacramentos da Igreja, com fé viva, e edificante, fé digna dos antigos Patriarcas, e dos mais santos Principes de Israel.

Deos grande, Deos de virtudes, e Deos de toda a consolação, permitti, que os votos, que vos consagramos pela saúde eterna de hum Principe, que sempre confiou nas vossas misericordias, e que já não veraõ mais os nossos olhos, vos sejaõ apresentados pelas mãos dos vossos santos Anjos, no throno da vossa gloria. Fazey, que o Augusto, e adoravel sacrificio, que agora acabou de offerecervos naquelle Altar o nosso dignissimo, e doutissimo Prelado Local, possa ser para a sua grande alma huma Hostia de Propiciação, e que pelos merecimentos da victima, que he o vosso Cordeiro sem mácula, se lhe perdoem todas as faltas commetidas por humana fragilidade, as quaes, talvez, ainda necessitem da final expiação. Ouvi os votos, e oraçoens de todo o Povo Portuguez: ouvi, e compadeceivos das lagrimas dos pobres, que oraõ por elle, e que hoje vos não pedem outra cousa com a mayor efficacia, que a salvação de hum Principe digno da vossa clemencia, e das vossas bençoens: dailhe o descanso da eterna paz, para que em companhia dos vossos Bemaventurados, e na vossa soberana, e divina presença, por todos os seculos dos seculos louve a vossa Omnipotencia, cante as vossas glorias, e adore a vossa suprema Magestade.

*Et requiescat in pace.*

*Amen.*



# LICENCAS.

## DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Francisco Xavier de Lemos, da sagrada Ordem dos Prégadores, Presentado na sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, Synodal do Patriarcado, e Lente de Prima no Collegio da Rainha D. Catharina.*

ILLUSTRISSIMOS, E REVERENDISSIMOS SENHORES.

**S**E as lagrimas, que a dor extrahio do centro de nossos coraçõens, na sentida morte do Serenissimo Infante D. Antonio, permittissem interpoaçãõ nos olhos dos Portuguezes, quem duvida, que este Elogio Funebre, que nas suas solemnes Exequias recitou o P. Mestre Fr. Francisco Xavier de Santa Teresa, digno Alumno da sagrada Religiaõ Serafica, e benemerito Socio do numero da Real Academia, seria quem as suspendesse? Porque com a consonancia desta bem formada Oraçaõ arrebatado o sentimento, naõ ficaria lugar ao sentimento. Porém como este naõ admite tregõas, pôde sem susto fahir a publico este Elogio, em que discretamente se vem representados os dotes, que adornavaõ aquelle perfektissimo Principe, porque sendo nesta falta preciso o sentimento, se eternize por meyo do bronze da estampa a sua memoria, que o tempo, que tudo cura, pôde diminuir, e viva sempre a nossa faudade, que pôde amortecer debaixo das cinzas do sepulchro, terra de esquecimento. Por estas razoens, e por naõ conter cousa contra a pureza da santa Fé, ou bons costumes,

tumes, he dignissimo este Elogio de se imprimir. Assim o julgo, Vossas Illustrissimas mandarão o que forem fervidos. Lisboa, S. Domingos 20. de Dezembro de 1757.

*Fr. Francisco Xavier de Lemos.*

**V** Ista a informação, pôde-se imprimir o Elogio Funebre, que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 20. de Dezembro de 1757.

*Silva.*

*Abreu.*

*Trigozo.*

*Silveiro Lobo.*

## DO ORDINARIO.

*Approvação do M. R. P. M. D. Thomás Caetano de Bem, Clerigo Regular da Divina Providencia, &c.*

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

**E** Ste Panegyrico, não contém cousa alguma contra a Fé, e bons costumes. Lisboa, Casa da Divina Providencia em 4. de Janeiro de 1758.

*D. Thomás Caetano de Bem, Clerigo Regular.*

**V** Ista a informação pôde imprimirse o Elogio, e depois de impresso torne conferido para se dar licença que corra. Lisboa 13. de Janeiro de 1758.

*D. J. Arcebispo de Lacedemonia.*



*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Joseph de Santa Rosa, da Ordem de S. Paulo, &c.*

## S E N H O R.

**O** P. M. Fr. Francisco Xavier de Santa Teresa, hum dos mais Observantes filhos da esclarecida Religiaõ Serafica, tendo estabelecido a fama de sabio, e perfeitissimo Orador em qualquer dos muitos Panegyricos, que lhe temos ouvido nesta Corte, com o justo, e merecido applauso da admiraçãõ, parece, que Deos, com providencia mui especial, o destinou para que os Principes, a quem o equilibrio da morte faz iguaes a todos os outros homens, tivessem na sua lingua, e na sua penna o illustre instrumento, que na mesma igualdade do tributo lhes separasse as cinzas, e os distinguisse com o caracter de immortaes. Já nas Exequias, que a famosa Naçaõ Germanica consagrou no grande Templo de S. Vicente de Fóra ao seu Imperador Carlos VI. foy o P. M. Fr. Francisco o Orador, que com os robustos alentos da sua eloquencia animou as açoens daquelle grande Principe, de que foraõ primeiros ensayos as que lhe vimos obrar quando esteve na nossa companhia. Agora, Senhor, que todo o Reyno de Portugal, cheyo de afflicçaõ, e de saudade, chora, e lamenta a arrebatada morte de outro Principe, naõ estrangeiro, como Carlos, mas taõ Portuguez, como o Serenissimo Senhor D. Antonio, que sendo digno de muitos Imperios, era o seu ornato, a sua vaidade, a sua gloria, e a sua consolaçãõ, quem havia ser o Orador, que lhe enxugasse as lagrimas, e reprimisse o sentimento, senaõ o P. M. Fr. Francisco, Orador verdadeiramente nascido

do para as honras dos mayores Principes, e, no meu conceito, o mayor, que conheço entre os meus sapientissimos Nacionaes? A toda a vasta, e immensa esfera, que Deos concedeo ao Sol, para o seu gyro, tinha chegado a benevola, e Real magnificencia do nosso esclarecido Infante nos repetidos eccos das suas clarissimas acçoens; porém agora este excellente, e admiravel Elogio das suas virtudes, que na Igreja do seu Hospicio recitou o P. M. Fr. Francisco Xavier de Santa Teresa, com a doce harmonia, e eloquente consonancia das suas vozes dará novas azas á Fama, para que voando por todas as naçoens do Universo, publique nellas o que perdemos com a morte do nosso amavel, e faudoso Infante, e o que ganhamos com a vida de seu estimavel, e eloquentissimo Orador. Pareceme, que póde V. Magestade conceder a Antonio Manoel a licença, que pede, para dar ao Prélo este admiravel Elogio, não só porque não contém clausula, que se opponha ás leys do Reyno, ou Decretos de V. Magestade, mas para que o publico se utilize com as results da sua lição. Lisboa, Convento do Santissimo Sacramento da Ordem de S. Paulo, 16. de Janeiro de 1758.

*Fr. Joseph de Santa Rosa.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza para se conferir, taxar, e dar licença para que possa correr, sem a qual não correrá. Lisboa 17. de Janeiro de 1758.

*Carvalho. D. Velho. Fonseca.*

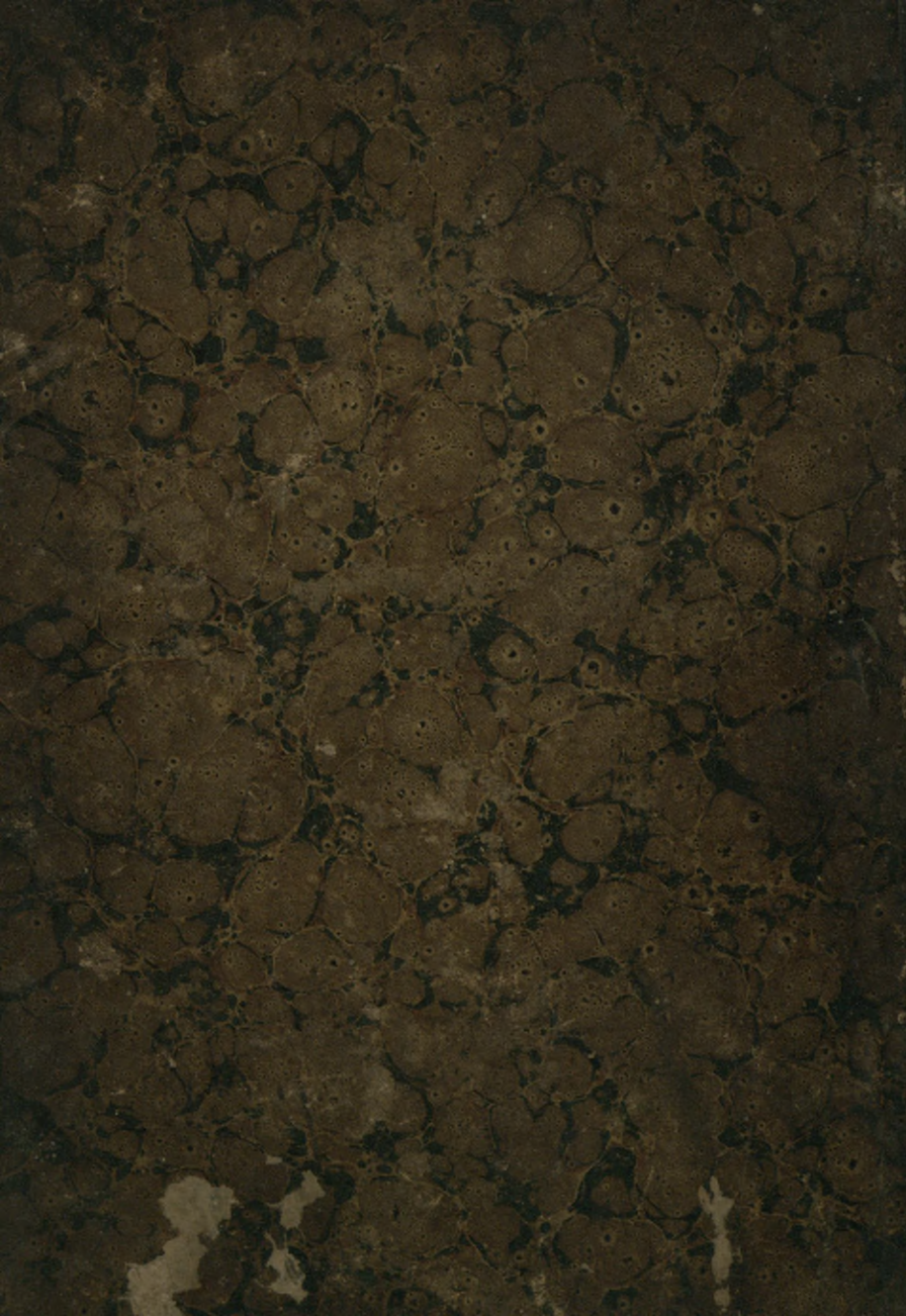
















2

